

Viui uma vez um companheiro que ia assentando-se e a sorrelfa retirou-lhe por traz a cadeira. O pobre rapaz caiu por terra, bateu com a cabeça de modo que ficou desmaiado. Luquinhas espantou-se e fugiu; todos ficaram com horror d'aquelle malvadinho, e seus paes muito affligidos pelo mal que elle tinha causado.

Conta os sonhos que teve e outras ridicularias; fala de phantasmas ou do lobishomem.

E se outro começa a narrar um facto, elle interrompe, e diz: *Não, não é assim, eu sei como foi*, e quer contar elle.

E depois aferradissimo ás suas idéas, que não ha ceder nunca ao que os outros dizem. Uma vez foi caçar com um seu companheiro, e viram um passarinho mas não puderam apanhar o.

É culpa tua, disse Luquinhas, *se aquelle pintasilgo fugiu. Não era um pintasilgo*, disse o outro, *era um canario.*

Era um pintasilgo, queres saber mais do que eu?

E eu não conheço um canario então?

E assim canario ou pintasilgo, pintasilgo ou canario, começaram a chamar um ao outro de ignorante, de teimoso, e depois esmurraram-se em regra, e inda agora estão mal, por amor de um passarinho que nem sequer puderam apanhar!

Os outros meninos ficam sempre contentes quando vêem seus paes. Luquinhas, pelo contrario, d'elles se esquiava, porque não pôde esperar senão reprehensões.

Nós rogaremos a Deus nosso Senhor que não nos pareçamos com elle, e que elle mude de costume; senão, coitadinho d'elle!

Cezar Cantú,

O bom menino

Justo o contrario de Luquinhas é Benigno.

Que é que Benigno mais teme neste mundo? É desagradar ao pae e á mãe. Por isso obedece, mal abrem a boca; não precisa que digam as cousas duas vezes; antes adivinha-lhes os pensamentos e previne-lhes as ordens.

Gosta das flôres, gosta do jardim, e seu tio, dia de anno bom, fez-lhe mimo de um alviãozinho, de uma enxada, de um pequeno aguador e uma carreta; seu pae marcou-lhe um quadro no jardim, onde limpa, cava, planta, semeia, réga, poda, arranca, como vê fazer no jardim grande. Mas nunca tocaria numa flôr, nem arrancaria uma plantinha, nem colheria uma fructa no jardim grande, sem ter licença de seus paes. Corre pelas avenidas com seu cavallo de páo, ou empinando o seu pagaio, mas não pisa nas leiras, antes, se vê um vaso caído, uma plantinha abatida pelo vento, vae a toda pressa endireital-os.

Nem mesmo aos animaes nunca elle faz mal. Affaga o cão, dá-lhe de comer; mas não o irrita, nem o faz la-

drar. Não tira do ninho os passarinhos que a mãe ali está criando, e se lhe dão algum, trata d'elle, alimpa a gaiola, acostuma-o a vir debicar a comida em sua mão, e não se diverte em atormental-o. No inverno apanha os fragmentos da mesa, o os lança no terraço para alimentar os passaros que não têm então outra pitaça.

Fazei agora idéa de como ama os homens, maiormente os pobres ! Aos seus irmãozinhos menores é elle quem guia os primeiros passos, e lhes ensina o *a b c* ; em vez de lhes arrebatat os brinquedos, lhes dá dos seus, só recommendando-lhes que não os quebrem.

Quando a mãe adoece ou a avó, vae muitas vezes perguntar-lhes se carecem de alguma cousa e leva-lhes de beber ; evita os barulhos, e faz estar calados os irmãozinhos.

Outro dia guardou duas lindas fructas que lhe deram para merenda, e as levou á pobre vizinha, velha, doentia. Hontem poupon o copo de vinho, e o offereceu ao trabalhador, que, no pino do meio-dia, cavava a terra suando. Hoje vi-o dando a mão a um cego para não esbarrar-se.

Cezar Cantú.

Curiosidade

Estava S. Efrem em uma pousada cozinhando suas pobres viandas ; e logo uma mulher que morava na vizi-

nhança, metten os olhos pela janellinha que lhe ficava fronteira e pouco distante, e lhe perguntou si lhe faltava alguma cousa.

— Sim, falta, respondeu o santo, tres ladrilhos e um pouco de lodo para entaipar esta janella.

Padre Manoel Bernardes.

Dadivas

É dicto mui sabido de todos que se deve aceitar e agradecer até um alfinete, porque o amor com que se dá sempre é cousa nobre e preciosa.

Nos reinos do grão Cam (segundo escreve Paulo Veneto), a moeda que corre não é de ouro nem de prata, mas de pão de moreira cortado em varias fórmãs, e acunhada com o real sello, e ha pena de morte irremissivel a quem a não aceitar. Este cunho lhe dá o valor que lhe nega a materia.

Por vil, minima que seja a cousa que o amigo nos offerece, já traz o sello do amor ; e assim é razão que corra e valha na nossa estimação, sob pena de incorremos na nota de ingratos ; vicio tão feio e odioso, que, assim como os ladrões se marcam com um L nas costas, os ingratos se haviam marcar com um I nos peitos. E quasi o fez Philippe, rei da Macedonia, mandando que um d'estes fosse estigmatizado com ferro em brasa.

Nesta nota não quiz incorrer Artaxerxes, rei da Persia, aceitando e retribuindo magnificamente um vilissimo dom que lhe offereceram.

Estava um homem de fortuna infima, por nome Sineta, debaixo da sua choupaninha, e vendo passar ao rei, se foi correndo ao rio, e enchendo de agua as palmas das mãos concavas, lh'a offereceu de joelhos, dizendo :

— Vivas, ó rei, eternamente! Com este tributo te reconheço vassalagem, segundo minhas posses alcançam, impaciente de que me não ignalo aos mais no donativo, mas gozoso de que nenhum me excede no animo.

— E eu, com animo agradecido, aceito o teu dom.

E logo mandou aos seus eunuchos que recolhessem aquella pouca agua em um vaso de ouro, o qual lhe mandou dar depois com um bom vestido, e mil darios em cima.

Eis aqui como este principe estimou o dom, não pelo material d'elle, senão pelo formal, que é o amor com que se dá.

Padre Manoel Bernardes.

Respeito aos mestres

Arsenio, aquelle insigne varão em todos os estados, pedido pelo imperador Theodosio, e nomeado pelo Papa S. Damazo para mestre de Arcadio já declarado successor do imperio, era tão estimado do Imperador, que entrando

este uma vez a ouvir dar lição a seu filho, e vendo que Arsenio estava em pé e Arcadio assentado, reprehendeu a ambos d'aquella que elles não tinham por indecencia; e mandou que d'ali por diante Arsenio ensinasse assentado, e Arcadio ouvisse em pé e com a cabeça descoberta.

Padre Antonio Vieira.

Polidez e caridade

com um pobre tocador de harpa

Em uma cidade achava-se reunida no principal hotel numerosa sociedade de senhores e senhoras, e entre essas pessoas figurava o veneravel Cura de Lustenau, mui fallado pela agudeza de sua intelligencia, fertil em remosques finos e engraçados.

Eis senão quando apparece um ancião, pobre e cego, conduzido por um neto, e entra a cantar e tocar harpa. Sendo pouco gratos á sociedade o desentoadado do instrumento e tremido da voz do velho, muitos cochichavam aos ouvidos mofando d'aquelle desconchavo, e resolveram livrar-se logo d'elle mediante algumas moedinhas.

Então, approximando-se do cego musico o Sr. Cura Ruf:

« Está bem esbaforido, meu bom velho, diz-lhe com accento de amoravel sympathia; consinta que eu o substitua, e dê-me um pouco sua harpa. »

Assentou-se o Cura na cadeira do velho, afinou o instrumento, e começou a cantar uma de suas mais formosas arias, acompanhando-a com a harpa, com que estavam pasmados os assistentes, e arrebatados de admiração, principalmente os que ainda lhe não tinham ouvido a maviosa voz. Era o talento do instrumentista ainda realçado pelo desagradavel toque que acabava de fazer ouvir o pobre do cego; e por isso tambem todos lhe deram bravos e palmas, e logo pediram para que cantasse outra aria.

— De boa vontade, respondeu o cura, e no emtanto (dirigindo-se ao velho) « vá V. M.^{ce} tirando a sua esmola. »

O cego, conduzido pelo neto, fez a volta da sala, com o chapéo na mão, e nelle choviam grossas peças de prata. Ouvindo-as tinir, chorava o cego de alegria. « Ó avô! exclamava o neto, não colhemos em todo o anno tanto como hoje! » Ambos, neto e avô, se desfizeram em agradecimentos pelas ricas offerendas que lhes acabavam de fazer, e beijaram respeitosamente a mão do cura.

Quanto aos assistentes, davam elogios ao bello talento artistico do R.^{do} Ruf, e mais ainda ao nobre uso que d'elle sabia fazer.

Conego Schmid.

Um fidalgo bem educado

O trato urbano, a bizzarria e elegancia das maneiras chegou ao ultimo auge na brilhante côrte de Luis XIV. As regras da mais extremada etiqueta eram ali escrupulosamente observadas. Ora, succedeu chegar a esta côrte um embaixador, varão illustre de linhagem, o qual veio mui recommendado como um cavalheiro completo, de esmerada educação, dotado de polidez dos mais finos quilates.

Luis XIV pôl-o á prova e convidou-o a acompanhá-lo em uma excursão de caça.

No dia aprazado, desceu o poderoso Monarcha, acompanhado de esplendido sequito, as formosas escadarias do Paço de Versalhes, e ao chegar junto ao estribo da real sege, pára, e faz signal ao fidalgo que suba primeiro.

Outro qualquer se derreteria em desculpas, pois é uso que a pessoa mais grada suba, e só obedeceria depois de mais ou menos porfiada resistencia. Não assim o nosso fidalgo. Curvou-se profundamente, em signal de obediência e gratidão, e subiu com toda a simpleza a tomar o seu lugar.

Voltando-se então Luis o Grande para a fidalguia que o acompanhava, disse :— « Agora reconheço de veras que é o fidalgo mais bem educado da Europa. »

Falta de respeito punida

O celebre de Beaumont, Arcebispo de Paris, durante seu desterro, desviára-se um dia no campo longe do casal em que morava, e viu fazerem-se-lhe contraditórios dous visitantes ecclesiasticos enviados em missão pelo seu Bispo.

Estes dous senhores, jovens e mui folgazãos, dirigem-se áquelle veneravel ancião modestamente vestido e o tratam com excessiva liberdade e sem cerimonia, importunando-o com perguntas, e a final encarregam-no de participar ao Cura vizinho que iriam aquella mesma tarde jantar com elle.

Faz o Prelado a commissão, e exige do Cura que seja tratado sem nenhuma distincção, desejando guardar o mais rigoroso incognito. Chegam os taes ecclesiasticos, põem-se á mesa bem alegremente, falam muito, dirigindo-se ao *velho bonacho* a quem não poupam gracejos. Antes de se partirem, nossos dous jovens estonteados perguntam-lhe ironicamente se não quer alguma cousa para o seu Bispo?

— «Quero, sim, respondeu o desconhecido. Desejo escrever-lhe.» E um sorriso maligno passa pelos lábios dos dous senhores. Veio penna e papel, e põe-se o velho a escrever em presença d'elles:

«E.^{mo} A.^{mo} e Snr., fez-me o acaso encontrar vossos dous visitantes, a quem achei muita alegria e talento,

mas cuido que elles precisam de algumas lições de civilidade, e d'aquella polidez caridosa que ensina a tratar os velhos com distincção e reverencia.

«Sou, etc.

«CHRISTOVAM, Arcebispo de Paris.»

Aquelles senhores tinham sido tão impoliticos, que acompanharam com o olhar o que ia escrevendo o Prelado, e apparelhavam-se sem duvida a rir. Mas quando viram a assignatura, descerraram-se-lhes os olhos, e ficaram confundidos, e lançando-se aos pés do egregio Prelado, conjuravam-no que os não encarregasse de tão penosa missiva.

«Senhores, hão de levar-a, diz elle, e a lição, com ser um tanto dura, nem por isso será menos salutar.»

Béaume.

Adiantamento incivil

Estava um dia Frederico o Grande, Rei da Prussia, recostado a uma janella, parecendo olhar attentamente para o que passava na praça do Paço. Aproveitou-se um pagem do ensejo em que o julgou mais distraído, para approximar-se devagar da mesa em que El-Rei deixara sua caixa de rapé, ricamente marchetada de diamantes, e tomou uma pitada, collocando logo a caixa onde a achára. Deu por isso Frederico, e voltando-se para elle,

disse-lhe: « Parece, senhor, que toma rapé; tem uma caixa? — Não, senhor, respondeu o pagem tremendo.

— Pois então ponha esta na sua algibeira, porque é muito pequena para nós ambos. »

Foi generoso e fino El-Rei na sua correcção; mas o pagem, com adiantar-se tanto, faltou gravemente ás regras do decoro.

Boitard.

Lição a uma palradeira

Certa joven viuva, a Ex.^{ma} Snr.^a de L..., dama de vivo e atilado engenho, falava pelos cotovelos, e seus amigos com isto se affligiam; pois no mundo, apezar da indulgente amizade que lhe tinham, não se podia deixar de achal-a ridicula e até insupportavel.

Um de seus melhores amigos, o Snr. F., resolveu dar-lhe uma lição severa e corrigil-a d'este defeito, em risco embora de ficarem desavindos. Durante alguns dias encareceu-lhe com tanto enthusiasmo os peregrinos meritos e espirito fino de um mancebo que acabava de conhecer, que fez nascer na Snr.^a de L... o desejo de ver aquella phenix da sociedade. O Snr. F. prometeu apresental-o o mais cedo possivel.

Com effeito, no dia seguinte, recebeu a Snr.^a de L... ambos em seu salão, com toda a affabilidade que lhe era habitual. Era o mancebo dotado de galharda pre-

sença e assás distincto porte. Saudou graciosamente a Snr.^a, e collocou-se silenciosamente, como as pessôas de verdadeiro merecimento, mas modestas, na poltrona que lhe indicou a Snr.^a de L.

Metteu logo a dama a mão na pratica, que se prolongou por mais de uma hora, depois do que os dous cavalheiros se despediram, e retiraram-se.

Na mesma noite apresentou-se o Snr. F. em um salão em que sabia achar-se a Snr.^a de L.; approximou-se d'ella, e perguntou-lhe que tal achára o mancebo?

— Justo estava eu falando d'elle a estas Senhoras; é um joven de enfeitigar, cheio de meritos, e cuja conversação scintilla com repentes felizes... Minha boa amiga, accrescenta, dirigindo-se á dona da casa, é preciso absolutamente pedir ao senhor que lh'o apresente.

— Eu o faria de boa vontade, diz o Snr. F., mas o meu mancebo tem uma enfermidade, que lhe faz perder uma parte de suas prendas, e toda a gente não tem a mesma indulgencia da senhora.

— Uma enfermidade! que diz? Eu não dei por ella.

— Ai! minhas senhoras, é surdo e mudo. »

Boitard.

Grosseira e má

Vivia um velho general retirado em suas fazendas, honrado e bemquisto de todos os vizinhos, e abençoado.

dos pobres, a quem immenso bem fazia. Tendo perdido seu filho unico, adoptara este bom homem por compaixão uma donzella pobre de sua parentela. Em mal, que era aquella menina muito soberba, apaixonada de enfeites, e desprezava os pobres.

Andava mui desconsolado com isso o General, e querendo pôl-a em prova: «Minha filha, disse-lhe um dia, estás-me dando grandes cuidados; só gostas da vaidade, e só tens desprezos para os pobres. Estou velho e alquebrado, não tardarei a morrer; se queres ser minha herdeira, é necessario corrigir-te. Vou fazer uma viagem; entrego-te a chave do meu cofre; não deixes voltar nunca um pobre com as mãos vazias. Quando se apresentar algum velho soldado pobre e enfermo, dá-lhe um ducado.

Dito o que, se partiu o velho general. Pela tarde, chegou um velho soldado, apoiado em duas muletas, caminhando a custo. Pediu esmola. — «Vae-te bem depressa d'aqui com tuas muletas, velho e infame bebado, lhe diz a menina, senão porcho-te no piso toda a canzoada do castello!»

Mas qual não foi sua surpresa, quando atirando o velho de repente para longe as muletas, o boné e o capote, viu a moça diante d'ella o general, cujos olhos chamejavam de colera!

— «Assim é que executes as minhas ordens? exclamou o general. Queria sondar-te o coração, e convencer-me se eras digna de seres um dia minha herdeira; estou desenganado. Os pobres não achariam em ti uma

mãe, nada teriam que esperar de ti os infelizes; por isso, sae já de meu castello!»

A joven debulhou-se em lagrimas, desculpou-se como pôde, mas tudo foi inutil; esta creatura grosseira e sem entranhas, foi forçada a fazer a sua trouxa e se partiu naquella mesma noite.

Como procedia S. Francisco de Sales à mesa

Tinha este amavel Santo em grande conta aquella maxima do Evangelho: *Comei o que pozerem diante de vós*, e dava por mais solida e forte mortificação, pôr inteiramente seu gôsto nas mãos de todos, do que escolher sempre o peor, e as mais grosseiras iguarias. Succede por vezes, que as mais delicadas, as de mais estimação para glutões, não nos caem ao paladar; com que pôr-lhe mão, e nutrir-se a contragôsto, sem dar mostra alguma de aversão, não é tão somenos victoria sobre si como se cuida. Só incommoda isto a quem nisto se vence, ficando tudo occulto a quem o vê assim praticar, que antes pela apparencia julgam o contrario.

Em summa, tinha por uma especie de incivildade, estando á mesa, tomar ou pedir algum guizado afastado, deixando de servir-se do que está mais vizinho; dizendo, que era mostrar um espirito attento aos pratos e aos môlhos e afogado nas viandas e acepipes. Que, se tal

se fazia não por sensualidade senão para escolher comidas mais vis, cheirava isso a affectação, a qual andava de braço dado com a ostentação, como a fumaça com o fogo, e assemelha-se ao proceder d'aquelles que de propósito se collocam no infimo logar da mesa, para passarem a mais alto com estrondo e vantagem. Tanto gostava elle em todas as cousas da santa simpleza, sem vistas sobre si, nem duplicidade.

Serviram um dia em sua mesa ovos estalados n'agua; depois que os comeu, com muito pouca attenção ao gosto, começou a embeber o pão na agua que ficava no prato, como o embebera nos ovos quando os tinha. Os que estavam com elle á mesa começaram a sorrir d'esta inadvertencia. Inquirindo elle a causa e sendo advertido: « Certo, disse, muito mal fazem em me descobrirem tão agradável engano; porque affianço-lhes que nunca eu comi mólho mais regalado que este; verdade é que para isso contribuia um pouco meu *appetite*, tanto é verdadeiro o proverbio que *o melhor mólho é a fome.* »

M. Camus.

O bom Padre Cosson

Parece que nada ha mais facil que sentar-se á mesa, e pôr-se a comer o que se apresenta; porém, digo-vos que é bem o contrario, e para que vos convenças da minha verdade, vou contar-vos uma anecdota

que passou entre Delille, poeta da moda no seculo proximo passado, e o modesto Padre Cosson, professor de bellas-lettras no Collegio Mazarino, que contava a seu amigo como jantára em casa de M. Radonvillers, em companhia de Duques, Marquezes, Marechaes de França e varios fidalgos do Paço. « Aposto, disse Delille, que fizestes cem incongruidades ao jantar. — Como assim? tornou-lhe Cosson com vivacidade e turbado. Creio que fiz como os mais. — Que presumpção! Aposto que nada fizestes como os mais. Ora vamos, limitemo-nos ao jantar; comecemos pelo guardanapo; como o pozestes, quando vos assentastes á mesa? — O guardanapo! pul-o como toda a gente: desdobrei-o, estendi-o diante de mim, e metti a ponta na casa do collete. — Pois sabeí, meu amigo, que sois o unico que fizestes isso; ninguem estende o guardanapo, nem mette a ponta na casa do collete, mas deixa-o dobrado ao meio, em cima dos joelhos. E como fizestes para comer sopa? — Como toda a gente, creio eu. Peguei na colher com uma mão e no garfo com a outra... — Sopa com garfo? Valha-vos Deus, ninguem come sopa com garfo; mas vamos para diante. Que comestes depois da sopa? Um ovo fresco. — E que fizestes á casca? — O que toda a gente faz; deixei-a no prato ao criado que servia a mesa. — Sem a quebrar? — Pois sabeí, meu amigo, que nunca se come um ovo fresco sem lhe quebrar a casca. E depois do ovo? — Pedí cozido (*du bouilli*). — Cozido! oh santo Deus! ninguem se serve de semelhante expressão; vede-se vacca

cozida (*du bœuf*), e não cozido; e depois? — Pedi a M. Radonvilliers que me mandasse d'uma excellente ave (*volaille*). — Oh pobre coitado! ave! Pedes-se frango, galinha, capão, peru, etc.; não se fala em ave domestica senão no pateo da criação... Mas não me dizeis nada de que modo pedistes vinho. — Pedi, como toda a gente, que me dessem Champanha, Bordéos, ás pessoas que o tinham diante de si. — Sabei pois que toda a gente pede vinho de Champanha, vinho de Bordéos... Dizei-me também como comestes o pão? Certamente como toda a gente, parti-o mui asseiadamente com a faca. — Oh! o pão parte-se com a mão, e não com a faca... Mas vamos para diante. Como tomastes o café? — Oh! quanto ao café, de certo que fiz como os mais: como estava fervendo, fui o deitando no pires e bebendo pouco a pouco. — Bem está, fizestes como ninguem; todos bebem o café pela châvena, e ninguem o deita no pires. Bem vêdes, meu caro Cosson, que não dissestes uma palavra, nem fizestes um movimento que não fosse contrario ao uso.»

Ignacio Roquette.

Delicadeza de S. Francisco de Sales

Uma vez, em sua presença, ria-se certa donzella de outra, que não era formosa, e zombeteava de alguns defeitos naturaes com que viera ao mundo; e depois de lhe ter o Santo modestamente dito, que Deus é quem nos

fez, e não nós mesmos, e que as obras de Deus eram perfectas; a outra galhofando ainda mais por ter elle dito que as obras de Deus eram perfectas: «Crêde-me, atalhou o bom Prelado, que ella é na alma mais direita, bella e melhor formada; basta saberdes, que d'isso estou certo.» E assim rebateu-lhe a bacharellice, e a mandou embora acanhada de vergonha.

Outra vez chasqueava-se diante d'elle de um homem ausente, que tinha um porte todo mal conformado, sendo atraz e adiante giboso; e logo foi-lhe o amavel Santo tomando a defeza, e allegou a mesma palavra da Escripura que as obras de Deus eram perfectas. — Como perfectas, retrucou alguem, com porte tão imperfeito? Ao que volveu o Santo com muita graça e mimo: «Oh! cuidaes então que não ha perfectos corcundas, como entre os direitos e de bom garbo?» E como quizessem que explicasse de que perfeição entendia falar, da interior ou exterior: — «Basta, conclui, que o que eu disse é verdade; falemos de outra cousa melhor.»

Prudencia no falar

E cuidamos por ventura que o desprezar a regra da prudencia no falar tem sido causa de poucos damnos? Quantas vezes uma só palavra que se disse, e não se havia de dizer, tem feito grandes destruições no mundo! Uma palavra que as filhas de Israel disseram em louvor

de David preferindo-o a Saul, foi causa de grandes revoluções naquella monarchia, e de que David andasse fugitivo e perseguido muitos annos.

Uma palavra que Thamar disse a Absalão foi causa de que matasse a seu irmão Amon, e andasse desterrado da côrte, e depois se rebellasse contra seu pae, e ultimamente morresse alanceado.

Uma palavra que Eva respondeu á serpente quando não devia responder-lhe, foi causa da ruina de todo o mundo.

Ajuntemos algum exemplo das historias profanas.

Uma palavra que escapou a Henrique II, Rei de Inglaterra, foi causa de que seus vassallos, entendendo que levava gosto em matarem a S. Thomaz, arcebispo de Cantuaria, o matassem impiamente dentro da sua mesma igreja; e de que o Rei fosse excommungado e açoitado publicamente no mesmo logar.

Por uma palavra cortezã se accende um pensamento deshonesto, por um pensamento deshonesto se intenta um delicto enorme, e por um delicto enorme se segue a perdição de muitas almas.

Por uma palavra inconsiderada se descobre um segredo; por um segredo descoberto se pôde perder um reino. Quantas familias inteiras não poderam nunca lavar uma nodoa que lhe pôz urna só palavra de um ouvi dizer! Emfim, não fôra ella sentença do Espirito Santo, se não fôra verdadeira sentença a que diz: Que a morte e a vida

estão na mão da lingua. Resta logo, para remedio e cautela de tantos perigos, que nunca nossas palavras se afastem da regua da prudencia, porque só então sairão rectas.

Padre Manoel Bernardes.

MATHILDE

Ou as consequencias de uma palavra inconsiderada

As meninas, na primavera da vida, no verdor da mocidade, têm quasi todas, digo *quasi*, alguma inconsequencia ou indiscrição em seu falar e discorrer. Privadas ainda d'experiencia, mal sabem ellas que, além dos amargos dissabores, das odiosas calumnias de que uma palavra ligeira muitas vezes é causa, para aquella mesma que a soltou dos labios por inadvertencia ou por um gracejo espirituoso; mais tristes consequencias pôde ainda trazer consigo essa palavra imprudente. Não sabem que por esse dito chistoso, mas pungente, muitas vezes dous amigos ganham odio figadal, dous homens se trucidam, e em seu vestido de festa caem gottas de sangue humano! Para vos convencerdes do que vos digo, ouvi a historia da viuva de quinze annos.

I

Triste sorte é a d'uma senhora, menina nos annos, que acaba de nascer para o mundo, e já se vê coberta de lucto! Ainda ha apenas seis mezes, que dita não era a sua, quando no collegio recebia desvelada educação! Que alegria não era a sua quando, no meio de graciosas companheiras, folgava donosa sem mortificações nem cuidados! E que festejado não foi aquelle dia em que, estando ella em alegre recreação com suas companheiras, um criado com grande libré, veio depôr junto d'ella esplendido presente de nupcias; e quando ouviu todas as suas amigas exclamarem a cada objecto novo que se tirava da cesta magica: «Como é feliz a nossa Mathilde de se casar aos quinze annos! Oh! vêde, meninas, vêde o bello chale de caxemira, tão macio que se pôde metter todo na mão! Oh! que lindo vestido de filó de seda! Que delicioso fio de perolas! que magnifico adereço de brilhantes!»

Ditosa Mathilde que, então, toda respirando encantos, toda radiante de juventude, distribuia ella mesma a suas companheiras valiosos presentes! desejára ella que todas tomassem parte na festa e participassem dos variados objectos que encerrava a famosa cesta; para esta, duas perolas para pendurar nas orelhas; para aquella, um broche de primoroso valor; para esta outra, um livro

com fechos de prata dourada, encadernado com setim e ouro; para aquella outra, um cinto de fita d'habito com graciosos fivelas; e assim muitas outras prendas. E seus desejos fôram ordens que se cumpriram á letra; e todas as gentis companheiras a viéram apertar em seus braços, dizendo-lhe com enthusiasmo: «Obrigada!» todas cheias ainda d'aquelle transporte que lhes causáram tão graciosas surpresas; porque, naquella idade, e ainda no collegio, uma fita que brilha, uma perola que balanceia, um broche reluzente, um livro dourado por folhas com o mimoso setim que alegra a vista, são objectos que encantam e fazem palpitár o coração juvenil. Ah! conservae-vos crianças, minhas meninas, o mais tempo que poderdes com esses innocentes transportes sem mistura de cuidados, que passam promptamente com a hora que foge! não vos queixeis de vosso ameno retiro onde a vida se limita a um curto horizonte, mas horizonte sem nuvens, e onde se não formam tempestades! Ride, folgae, na verdura do prado, ou á sombra de frondoso arvoredor! Ride, diverti-vos, ahi estão as alegrias, fóra d'ahi murmuram os desgostos e rugem as paixões!

II

Ai! Mathilde tinha rompido muito antes de tempo com as ingenuas alegrias da viçosa juventude, passára rapidamente da infancia á idade séria; tinha substituído

bem depressa a humilde primavera dos campos pela severa flôr de laranjeira, e pelo véo que da fronte desce até aos degrãos do santuario! Não que o mancebo que a desposára tão menina lhe dêsse menor estima do que ella na realidade merecia, nem que deixasse de abrigal-a até ao seu ultimo dia debaixo de sua mão protectora; longe d'isso, infeliz! Mas, no meu entender, é sempre uma sem razão não pôr cada cousa em seu tempo e logar: os cuidados e embaraços d'uma casa, depois dos prazeres isentos de inquietação da ingenua adolescencia. Porque saltar a pés-juntos sobre esses tres ou quatro bellos annos de vida que, melhor que todos os outros, trazem comsigo seu delicioso aroma?! Porque impôr tão depressa a uma juvenil idade, risonha e fagueira, o ar serio d'uma grande dama! Porque razão não correr ainda uns doze mezes por esses prados, colhendo a bonina e a saudade silvestre, ou a madresilva cheirosa nos verdejantes vallados, ou imprimindo com ligeireza e graça de seu mimoso pé a planta delicada sobre a neve do parque, lisa como um lençol, alva como a aza d'um cysne?!

Infeliz Mathilde! Ao ser muito moça foi talvez, em sua nova posição, que ella deveu o triste infortunio de sua vida. Sem maldade real, como sem duplicidade reflexa, ella não tinha senão o defeito, tão pouco importante em apparencia, mas terrivel em seus resultados, de se deixar seduzir por ligeiros gracejos sobre o que certas pessoas têm de ridiculo, não em qualidades de coração, mas unicamente no modo de trajar ou de se ex-

primir na sociedade; e muitas vezes escarnecia, sem muito disfarce, do máo gosto das pessoas que estavam ao pé d'ella. Ora, todos sabem, que é uma sombra desairosa no painel das senhoras em geral, o perdoarem ellas mais facilmente uma ferida em suas qualidades essenciaes, do que uma arranhadura em seu amor-proprio de ornatos mulheris.

III

Mathilde, depois de seu casamento, residia quasi sempre em Paris; porém o Sr. de Blondel, seu joven marido, levava-a de vez em quando a casa de sua familia, que habitava uma villa de provincia. Nessas villas, ou pequenas cidades, onde quasi todas as pessoas se conhecem, é que deve haver mais cuidado e precaução nas palavras que se dizem, e como se dizem, e diante de quem se proferem; ali, mais do que em parte alguma, devem as pessoas que frequentam a sociedade, mórmente as que têm mais de moças que de prudentes, impôr a si mesmas uma rigorosa lei de discrição, de modesto disfarce, e saber opportunamente resistir a um sorriso ainda o mais innocente e juvenil; porque cada palavra é seta que fere; nenhuma, por mais leve que seja, se allude a outrem, deixa de ter echo; interpreta-se mal, commenta-se desfavoravelmente, accrescenta-se, desfigura-se, quasi sempre com malevolencia, e o resultado é gerarem-se odios occultos, que se vão concentrando, até

que por fim fazem explosão em publico, em occasião que menos se espera. Certamente que é difficil a uma pessoa estranha calar algumas observações picantes, causticas, ácerca das mesquinhas proporções d'uma sociedade provinciana, que vive de anexins, de alcunhas, de mexericos, de bisbilhotices e enredos; de pessoas que se conhecem só porque se encontram, que se visitam para se dilacerarem; que pela manhã passam pelas ruas e curiosamente espreitam pela vidraça, ou pela rotula, para descobrir alguma bagatela ou ridicularia do interior da casa, para irem á noite fazer pratinho de murmuração. É difficil na verdade a uma pessoa, educada com a critica parisiense, não fixar os olhos e não morder os beiços para soffrear o riso, ao ver essas pretensões de enfeites, meio nobres, meio burguezes, e não ver com dó esse concerto burlesco de conversas estólicas e semsaboronas, que se parece com o zumbido d'um besouro que vos aturde os ouvidos. Muitas vezes até parece que se apodera de nós essa epidemia de linguagem ridicula e de malquerença, e sem querer tomamos parte nessa zombaria universal, nessas risadas satanicas tão pouco caridosas como de máo tom. Ai da menina que se torna cumplice d'esta communidade de indscrições sempre repetidas, por uma attenção obsequiosamente maligna, para com as que d'ella são victimas! Tarde ou cedo supportará a pena, senão d'um modo tão terrivel como a pobre Mathilde, pelo menos com um aguilhão assás pungente para, por muito tempo, fazer sair sangue do coração!

IV

Apenas tinha a Snr^a. de Blondel chegado ao seio da familia de seu esposo, e logo toda a cidade se apressou a abrir-lhe as portas de suas salas. Ella deveria ter percebido que aquellas salas abriam suas portas não tanto para festejarem como para observarem a nova dama que entrava em seu recinto. Examinada como as outras e mais do que ellas, até em seus mais pequenos procederes, e posta em alvo a varios tiros disfarçados que a não deviam ferir, porque estava ali de passagem, Mathilde tivera a imprudencia de ceder a esse máo sestro de palavras mais maliciosas que malignas, e de retorquir com acrimonia ás observações que lhe faziam. Sua inexperiencia nos usos do mundo fez o resto. O que era mais para sentir, e o que quasi sempre acontece, é que os seus ditos indiscretos caíam mais particularmente sobre uma menina que talvez não era isenta de defeitos em suas maneiras e gentileza, mas cuja alma candida e boa por natureza, nunca se prestara contra pessoa nenhuma a essas maledicencias de sociedade; assim que, ficou ella muito admirada, quando perfidamente lhe fizeram saber, que a Snr^a. de Blondel se tornara culpada para com ella d'uma ou duas agudezas d'espírito caustico. Desde esse dia, aquella menina estava sempre contrafeita em todas as festas onde se encontrava com Mathilde. Finalmente, por extremo sensivel, recusou um

dia formalmente ir a um baile. Sua familia apertou com ella para que se explicasse, dissesse qual o motivo porque não queria lá ir; seu irmão em particular, mancebo ardente de cabeça e de coração, que lhe queria muito, e que soffria com os seus menores soffrimentos, quiz absolutamente saber a razão d'esta recusa inesperada. Aquelle irmão era para a delicada donzella um protector natural, um confidente seguro, com o qual não era possível dissimular por muito tempo. Ella confessou finalmente que a Snr.^a de Blondel, por seus sarcasmos, era a causa unica porque ella não iria ao baile.

« Tu és uma criança, minha irmã, exclamou o mancebo; tu has de vir ao baile, e, á sombra de teu irmão, juro-te que não tens nada que receiar d'essa garridinha. »

Assim pois, bem vêdes que por uma palavra imprudentemente proferida pela leveza d'uma pessoa que devia ser mais acautelada, lá fica Mathilde com a fama de garrida, com um appellido o mais insultante que se pôde dar a uma mulher. Prouvera a Deus que o caso não passasse d'essas recriminações já bem desgraçadas! Mas isto era apenas o preludio.

V

O irmão decidiu que sua irmã havia de ir ao baile, e que havia de mostrar dignidade e reserva em seus ditos. Foi effectivamente; porém, por um acaso fortuito,

o primeiro olhar que se fixou em seu toucado e vestuario, um pouco desalinhado, foi o da Snr.^a de Blondel. Verdade é que aquelle olhar levava comsigo um não-sei-quê de desdem, que significava, penso eu: « Olha para mim, vê como estou bella e ricamente vestida! E como tu estás desengraçada e mal arranjada, minha amiga! » O caso é, que a donzella, toda envergonhada, fez-se vermelha, logo perdeu a côr e ficou pallida, quasi que lhe deu um desmaio, e, na presença de seu irmão para quem volvia os olhos, deixou correr uma lagrima que lhe humedeceu a face. O irmão soube conter por um instante a sua zanga, o seu odio, mandou assentar a sua irmã a quem soceguou o melhor que pôde; mas a primeira pessoa a quem convidou para dançar foi Mathilde de Blondel. Nunca se disseram remosques mais atrevidos, nem sarcasmos mais amargos fôram lançados com mais sal do que por este cavalheiro, emquanto dançou com aquella vaidosa dama. Ella também se envergonhou, fez-se de mil côres, e ainda novel para devorar uma offensa, e sem experiencia para arriscar uma resposta, não achou meio senão largar o cavalheiro e ir sentar-se sacudidamente em seu logar antes de acabar a contradança, o que não era mais do que uma acção ridicula accrescentada a uma falta grave! Ella tinha abraçado uma das semrazões da sociedade que a rodeava, e não tinha sabido resistir ao primeiro embate que essa mesma sociedade lhe fazia sentir.

O cavalheiro de Blondel correu immediatamente ao

pé da sua joven esposa para se informar dos motivos de tão subita interrupção. Por unica resposta, disse-lhe Mathilde que ella queria sair immediatamente do baile, e no outro dia pela manhã, ao romper da alva, partir para Paris.

«Mas isso é impossivel, minha cara amiga, replicou o marido; que diriam de nós, se nos vissem desamparar assim uma festa dada talvez por nosso respeito? Que diria a minha familia se eu a deixasse sem me despedir ao menos das pessoas de sua amizade que tão graciosamente nos acolheram?!»

Durante este tempo, os olhos de Mathilde encontraram-se involuntariamente com os do cavalheiro que tão cruelmente a ultrajára; estavam fixados nella, frios, impassiveis como o desprezo. Então nada a pôde conter; e, ás faltas já commettidas, cujas consequencias não previa, accrescentou: «Pois bem, senhor, ficarei, mas com a condição que aquelle homem que está olhando para mim, saia.»

VI

Desde então ficaram em scena o joven esposo e o irmão. Estabeleceu-se a lucta abertamente entre elles; pediram contas um ao outro das palavras ditas de parte a parte, e das palavras iam passar ás acções. Porém, para não causarem maior desordem no meio do baile, saíram

por um instante, e prepararam-se a terminar os preliminares de sua contenda num quarto vizinho, não querendo, de commum accôrdo, ir repentinamente mais longe, com receio de assustar um e outro a suas familias. Pensae qual seria a posição da Snr.^a de Blondel naquelles minutos de espera em que era obrigada a conservar-se no baile, no momento em que seu marido se entregava á ira a dous passos d'ella e por amor d'ella.

Entretanto teve um nobre e generoso movimento, quando, vencendo um vão amor-proprio, foi sentar-se de seu motu proprio ao pé da menina que tantas queixas tinha de seus ditos e de seu olhar, e supplicou-lhe que se juntasse a ella em desviar o funesto golpe que podia feril-as ambas; porque já tinha reflectido. A pobre irmã estava tão tremula pela vida de seu irmão como a joven esposa tremia pela existencia de seu marido; ella nada desejava tanto como ir lançar-se entre os desejos de vingança que em ambos se accendiam; dispunha-se a sair da sala com a Snr.^a de Blondel quando os dous cavalheiros, de mui socegada apparencia e até com ar de reconciliação, tornaram a entrar na sala do baile. Tanto um como outro vieram dizer a suas familias que tudo estava acabado; que tinha sido um equivoco, e que não se devia mais pensar em tal. A irmã e a esposa fôram bem obrigadas a acreditar nestas apparencias de reconciliação, e, por vontade ou sem ella, ficáram com seus protectores até á hora em que as grinaldas murchas, cobertas de pó, os passos incertos não se arrastavam já senão com diffi-

culdade, pelos tijolos escorregadios da sala, e a consonancia moribunda da orchestra annunciara que era tempo de todos se retirarem. O irmão e o esposo, á despedida, saudáram-se com ar de cordialidade.

Quando o Sr. de Blondel entrou em casa, poucas palavras disse a sua esposa ; pretextou que não podia dormir e que tinha muito que escrever ainda naquella noite, despediu-se da esposa apertando-lhe a mão ; e entrou no quarto vizinho, fechando a porta rapidamente. Mathilde não comprehendeu o triste mysterio que havia naquelle apertar de mão, e deixou seu marido afastar-se d'ella por um instante.

Todavia custou-lhe a pegar no somno, estava sobresaltada ; não sabia o que lhe adivinhava o coração ; as scenas d'aquella noite vinham-lhe continuamente á imaginação, e ali se revolviam como a lava d'um vulcão. Uma idéa triste trazia-lhe outra idéa mais triste ainda ; representava-se-lhe de novo o ar sério e as maneiras cortezãs de seu marido e do irmão ultrajado na pessoa de sua irmã, quando entráram no baile, e quando definitivamente saíram d'elle. Por instincto applicou o ouvido á parede da alcôva de sua cama, que só era separada, por um tabique, do quarto vizinho em que devia estar seu marido. Que silencio !... Nem um passo se ouvia, nem o correr da penna sobre o papel se sentia...

De repente, tomada d'um horrivel tremor, precipita-se fóra da cama, envia-se á porta do quarto vizinho, abre-a com estremecimento... e nada mais vê do que uma

solidão medonha, em que a desesperação d'ella se apodera e quasi a enlouquece. Toca a campainha, grita, chama em altas vozes os criados. Correm estes a toda pressa.

« Onde está meu marido ? Onde foi elle ? Vistel-o sair ? Sabeis para que lado ? perguntava a infeliz, amiuando os gritos de sua dôr...

— « Não, minha senhora, lhe respondem, não sabemos ; se elle saiu foi sem dizer nada a ninguém. »

Então, eil-a que não conhece limites em sua afflicção, eil-a meia vestida com um roupão que lhe lança pelos hombros a criada grave, e só acompanhada com ella, sae da casa, desgrenhada, com o juizo perdido, correndo como uma insensata pelas ruas da cidade, perguntando a grandes vozes aos que encontrava : Vistes o meu marido, vistes o Sr. de Blondel ? »

« Vi quatro homens, armados de espadas, que desciam para aquelle lado, » lhe respondeu um d'elles.

Mathilde não quer ouvir mais, corre como uma seta para o lugar indicado, não a tinham enganado. Por entre uma balsa de arvores que lhe embargam a passagem e a vista, ouve ella um tinido de armas, lança-se precipitadamente por sobre espinhos e abrolhos que lhe rasgam as carnes, e como conseguisse metter a cabeça desvairada por entre os ramos d'um bosquete, longo gemido sae d'um peito opprimido, e um homem, que já não era mais do que um cadaver, cae sobre o terreno que inunda do seu sangue !

Mathilde responde ao gemido de morte por um espantoso grito de dôr ; quer forçar os ramos, que resistem a seus joelhos, e a seus pés, todos escorrendo sangue ; mas, ao momento de o conseguir, cae com a face em terra, meia morta, sem sentidos... Levantam-na, para longe d'aquella horrivel scena. Quando tornou a si do lethargo, que lhe roubara os sentidos, estava viuva, e viuva de quinze annos ! e por um dito ligeiro, por uma palavra inconsiderada, por um olhar vaidoso ! Triste, espantosa lição ! não é verdade ? mas que todavia não fallece de realidade.

VII

Não me demorarei, porém, neste ultimo painel ; não quero limitar-me a este terrivel drama, porque a verdade permite que vamos adiante. Deus condemna sem duvida, mas tambem perdôa. Eu vi a consolação, toda vestida de branco como um anjo do céu, seguir a lacrimosa esposa coberta de lucto ; vi um lindo menino consagrado pela tremula viuva ao culto de Maria, a Virgem Santa que protege e conserva á sua mãe os filhinhos que á sua poderosa guarda são confiados. Desherdada do mundo, pelo menos, a triste viuva não terá que andar só, e sem arrimo na terra, sua longa e penosa jornada : ficou-lhe um filho de sua curta união ; oxalá pague-lhe elle um dia ; oxalá não lhe pergunte nunca qual foi a causa do eterno lucto a que se condemnou como em voluntaria expiação !

Bons conselhos

Um pae extrahiui de um livro de muito saudavel doutrina os seguintes conselhos, que de vez em quando fazia ler a seu filho :

« Não mintaes, ainda em cousas leves e caseiras. Não murmureis, ainda em cousas já sabidas ; porque se nisso não offendeis a virtude da justiça, trataes mal a da caridade. Não furtéis, nem retenhaes quantidade por pequena que seja. Não faleis palavras ociosas, que no Evangelho está escripto, que de qualquer d'ellas havemos de dar conta. Não entristeçaes, nem desconsoléis o pobre com palavras asperas. Não jureis, sem necessidade, ainda que seja com verdade. Não retardeis sem causa fazer o bem que promettestes ao proximo.

Não motejeis o proximo, nem façaes zombaria ou galhofa de suas acções, ou gestos, ou vestidos, ou figura ; porque, ainda que seja em materia leve, como supponho, comtudo elle fica pesado. Se tendes officio de despacho, vêde não esperdiceis o tempo ; porque a vossa omissão, ainda que leve, pôde ser prejudicial. Não comaes sobreposse, ainda que vos não faça por então mal. Fugi de palavras vangloriosas, e de raivas, teimas, revindictas, mofas, chocalhices, e mexeriquinhos, ainda que tudo seja em materia leve, como aqui supponho. Nenhum mal, ainda que de pouco damno, façaes a vosso proximo, nem proponhaes fazer, nem aconselheis a outrem que o faça,